

Letramentos no *WhatsApp*: Agência Horizontalizada em PIBIC em Letras

Jane Pereira Arimura¹
Nara Hiroko Takaki²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

RESUMO: Observa-se que a sociedade contemporânea requer uma atuação em rede dos cidadãos que dela querem e podem participar. A atuação em rede significa interagir com outros: pertos, distantes, presencialmente, virtualmente de forma conectada, expansiva, criativa, colaborativa e rápida. Isso porque os comportamentos humanos se modificaram em função das mídias digitais e, portanto, novas formas de construção de saberes e agência humana estão em jogo. Essa percepção condiz com os objetivos dos letramentos críticos (Cervetti, Pardales, Damico, 2001; Menezes de Souza, 2011; Monte Mór, 2014; Takaki, 2014; Zacchi, 2014; Freire, 2005, dentre outros). Nesse sentido, para a realização de uma pesquisa de Iniciação Científica, foi criado um grupo *LC* (Letramento Crítico) no *WhatsApp*, que oportunizou espaço para reflexões, questionamentos, ressignificações de imagens, notícias e charges de maneira criativa e relevante para os contextos dos participantes. Ao interagir e construir significados em relação a determinado assunto, os participantes passaram a ser autores. A metodologia da pesquisa seguiu orientação etnográfica e qualitativa, ou seja, o ambiente foi observado por meio das construções de sentido dos participantes e intervenções da pesquisadora. Este artigo discute uma interação entre os participantes sobre a configuração de família e questões de gênero em uma determinada novela da Rede Globo. Ainda, o artigo aborda um protesto específico a favor da diminuição do valor da mensalidade do transporte estudantil. O processo de pesquisa e a análise de dados sugerem que o movimento estudantil envolveu: criticidade, criatividade, iniciativa, cooperação e organização, que são requisitos necessários para os “novos” letramentos. A conclusão aponta que a construção crítica, auto-crítica e agência colaborativa possibilitam outras perspectivas, organizações e que promovem mudanças locais-globais.

Palavras chave: Cidadania Participativa e Transformativa; Letramentos; *WhatsApp*; Aprendizado Colaborativo e Crítico.

Literacies through *WhatsApp*: horizontal agency in PIBIC in a Language Course

ABSTRACT: It is observed that contemporary society requires a networking performance of citizens who want to and can participate in it. The networking performance means interacting with the other near, distant, in person, in ways that are virtually connected, expanded, creative and collaborative and fast. This is because human behavior has changed due to digital media and, therefore, new

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, graduanda. Contato: janearimura@hotmail.com.

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, professora orientadora. Contato: narahi08@gmail.com.

ways of building knowledge and human agency are at stake. This perception is congruent to the goals of critical literacies (Cervetti, Pardales, Damico, 2001; Menezes de Souza, 2011; Monte Mór, 2014; Takaki, 2014; Zacchi, 2014; Freire, 2005, among others). From questioning and human agency about local-global issues, the alternatives can be enlarged in network. In this sense, in order to carry out a scientific research, a LC (Critical Literacy) group was created on WhatsApp, which provided the research participants with space for reflections, questionings, resignifying of images, news and cartoons in a creative and relevant ways to their contexts. Through interacting and constructing meanings of a particular subject the participants became authors. The research methodology followed an ethnographic and qualitative orientation, that is, the environment was observed considering the participants' meaning making and the researcher's intervention. This paper discusses the interaction between the participants about the family configuration and gender issues in a specific soap opera on Globo Chanel. In addition, the article addresses a specific protest in favor of the reduction of the value of the student transportation tuition. The research process and data analysis suggest that the students' engagement: criticality, creativity, initiative, cooperation and organization, which are requirements for the "new" literacies. The conclusion shows that critical construction, self-critique and collaborative agency open up other perspectives and organizations which promote local-global transformations.

Keywords: Participatory Citizenship and Transformative; Literacies; WhatsApp; Collaborative Learning and Critical.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo³ apresenta e discute situações de interações entre os participantes de uma pesquisa de Iniciação Científica intitulada Construindo Sentidos na Terceira Fase de Letramentos: *WhatsApp* com identidade universitária. Ela se situa no contexto do Curso de Letras (habilitação em língua inglesa) e teve como objetivo investigar a construção de sentido dos usuários de *WhatsApp* com identidade universitária na perspectiva de teorias de letramentos.

Atualmente, a concepção de letramentos se modificou com a globalização e o avanço tecnológico. Por exemplo, no contexto da globalização, o aplicativo *WhatsApp*, utilizado nesta pesquisa, tem contribuindo com o aprendizado pois, observa-se que os usuários estão lendo e escrevendo multimodalmente com frequência considerável. No entanto, ler e escrever prescindem de uma qualidade que tem sido demandada no contexto das novas mídias, ou seja, ser capaz de construir sentidos criticamente (Cervetti, Pardales e Damico, 2001), assunto que será tratado mais adiante.

Em tempos digitais, a leitura de textos multimodais, ou seja, aqueles que trazem imagens, gráficos, sons, vídeos, gestos e espacialidades que competem igual-

³ Agradeço ao CNPQ, processo nº 138764/2014-0 pela concessão de bolsa de Iniciação Científica.

mente com o texto verbal torna a construção de sentidos complexa na ótica de Kress (2003).

Dada essa complexidade, passei a ficar atenta ao meu entorno enquanto usuária de linguagens multimodais, especialmente via celular. Assim, o interesse pelos estudos dos novos letramentos (Lankshear e Knobel, 2005), multiletramentos (Kalantzis e Cope 2000) e letramentos críticos (Cervetti, Pardales e Damico 2001; Takaki, 2012; Monte Mór, 2011; Menezes de Souza, 2006; Zacchi, 2014; Freire, 2005, dentre outros) despertou em mim a vontade de ir além da sala de aula, no sentido de pesquisar a construção de sentidos de colegas com identidade de universitários em ambiente *WhatsApp*, conforme detalharei.

Estudar as teorias dos letramentos significa tomar consciência de que a sociedade globalizada exige “novas” habilidades de leituras, e construção de sentidos e de negociação de saberes, que segundo Lankshear e Knobel (2005) são os “novos” letramentos caracterizados pelas rápidas transições, ou seja, o que é “novo” hoje pode se tornar “velho” amanhã em muitos contextos. Os referidos autores afirmam que as pessoas que mais têm contribuído para os letramentos propiciados pelas mídias nem sempre são aquelas pessoas formalmente letradas.

Além disso, os “novos” letramentos podem ocorrer por meio das “novas” mídias ou fora delas. É o caso dos *zines*, que são pequenas publicações feitas por jovens em folhetos de papel, nos Estados Unidos, para criticar convenções sociais historicamente engessadas. Os *zines* são repletos de emoções, criatividade e criticidade (Lankshear e Knobel, 2005).

Os referidos autores alertam para o fato de que os “novos” letramentos também são definidos como sendo raciocínios que antecipam as possibilidades futuras e mapeiam prováveis riscos. Por meio do desenvolvimento dos “novos” letramentos, as pessoas se envolvem em projetos para promover eventos, discussões e soluções para problemáticas locais-globais, sendo que tais alternativas acompanham prazos de validade por permitirem ressignificações em outras situações.

Já a pedagogia do multiletramentos é a proposta criada pelo grupo de Nova Londres (*New London Group*, 1996; Cope e Kalantzis, 2000) que visa ao desenvolvimento das habilidades de compreensão de textos de diversas modalidades em contextos culturais variados. Conforme afirma Rojo (2009), os multiletramentos referem-se também à diversidade cultural na criação de textos e também à diversidade cultural dos leitores de textos.

Relato de forma breve os “novos” letramentos (Lankshear e Knobel, 2005) e os multiletramentos (Kalantzis e Cope, 2000) para então apresentar a questão da agência humana como função social em que o agir ocorre por uma iniciativa responsável (Monte Mór, 2013).

Pela minha vivência na Universidade, como graduanda em Letras (com habilitação em língua inglesa, cursando o 7º semestre), observei que os universitários do curso de Letras, que advinham do ensino tradicional, sentiam dificuldade em expor

suas ideias, discutir textos científicos, promover debates e negociar sentidos com os demais integrantes do *campus*.

Aparentemente, eles estavam na posição universitários passivos pois, aceitavam os problemas em sua formação acadêmica com naturalidade. Problemas tais como: a demora na contratação de professores que ocasionava perdas de aulas, a evasão dos colegas, o distanciamento entre os universitários e professores, a falta de envolvimento dos universitários nos eventos promovidos pela universidade, a falta de solidariedade para montar grupos de estudos, dificuldade no aprendizado das línguas estrangeiras. Enfim, eram universitários sem uma cultura de questionamento e sem iniciativa de ação. Perguntas como: O que poderiam fazer para mudar a situação em que se encontravam? Como melhorar a nossa Universidade? serviram para impulsionar a minha investigação no âmbito da agência humana de dentro da minha própria comunidade universitária.

No momento em que tais universitários estavam insatisfeitos com algo e nada fizeram para melhorar a situação em que se encontravam, as teorias dos letramentos críticos foram interessantes e relevantes para além do meu despertar da consciência crítica. Como iniciante de pesquisa, interpretei esse momento como um campo da ação com o propósito de elaborar alternativas para possíveis melhorias.

Dada a minha observação sobre a aparente passividade dos universitários do curso de Letras e meu encontro com as teorias dos letramentos, que valorizam a prática social como forma de aprendizado, resolvi realizar uma pesquisa dentro dessa perspectiva. Já havia lido textos sobre letramentos e sociedade, formação de professores, cidadania e agências críticas na disciplina de Prática de Ensino de Línguas IV.

A proposta do meu plano de trabalho de pesquisa era criar um grupo de discussão entre universitários. No intuito de continuar estudando as teorias de letramentos situados (principalmente as publicadas a partir deste século), aprender de forma colaborativa e oportunizar aos participantes uma possível ampliação do olhar, convidei oito universitários para integrar o grupo, que foi denominado Grupo Letramento Crítico (doravante LC). Pensei em oito participantes, pois seria razoável administrar as discussões. Os universitários aceitaram o convite e assinaram um termo de consentimento para uso de suas interações para fins estritamente acadêmicos (Lank-shear e Knobel, 2008).

Para a realização da pesquisa, escolhi como ferramenta tecnológica o *WhatsApp* porque é um aplicativo popular que possibilita a comunicação rápida e com preço acessível às minorias do ponto de vista da vulnerabilidade social. O aplicativo *WhatsApp* possui o recurso de envio de vídeos, mensagens escritas, áudio e compartilhamento de contatos. O *WhatsApp* permite aos participantes/usuários contato com diferentes culturas, ao mesmo tempo em que podem reconstituir suas identidades na relação com o outro, entendendo a si mesmo e o outro, noção fundamental quando a questão da ética ganha visibilidade e relevância em futuras negociações de

saberes (Takaki, 2013). Além disso, os usuários/participantes, por meio do aplicativo, constroem sentidos a partir de textos multimodais (Kress, 2003).

Nesse sentido, utilizar os recursos do *WhatsApp* com uma finalidade pedagógica-educacional foi um desafio pois, o corpus da pesquisa é vivo, as interações são rápidas sendo necessário constante monitoramento e participação da pesquisadora, autora deste artigo.

Para realização da pesquisa, primeiramente, criei o grupo LC (Letramento Crítico) no aplicativo *WhatsApp* o que tornou-me administradora⁴. Posteriormente, adicionei os universitários e iniciamos as interações. Para a coleta de dados foi necessário salvar os diálogos dos participantes, usei o próprio recurso *Quick Memo* do celular LG L1 e transmiti os dados por meio do cabo USB para o computador.

Assim, os dados foram coletados por meio da observação virtual e analisados a partir dos pressupostos teóricos dos letramentos pluralizados e contextualizados, conforme explicarei mais adiante.

No que se refere à organização deste artigo, ele apresenta-se dividido em quatro partes. Na primeira parte, abordo conceitos básicos para o entendimento da perspectiva dos letramentos críticos. Na segunda parte, analiso momentos de construção de sentidos dos participantes e que são referentes à novela *Império* da Rede Globo de Televisão. Na terceira parte será apresentada e discutida a agência do participante **R** e ao final as considerações finais.

Letramentos Críticos: Agência do Cidadão Ativo, Crítico e Participativo.

Os letramentos críticos são leituras amplas, não necessariamente repetindo as realidades expressas pelo autor de um determinado texto/discurso ou de um dado evento, em que os leitores se apropriam de sentidos, modificando-os de acordo com seus interesses. Tais interesses são influenciados pelo contexto sócio-histórico no qual tais leitores se situam (Cervetti, Pardales, Damico, 2001). Cada vez que um interlocutor/leitor/produtor de sentidos lê e interpreta um determinado texto ou evento, ele poderá redefinir os significados contingencialmente, pois tanto a linguagem como a cultura são fenômenos híbridos que emergem durante o tempo todo da renegociação de saberes. Conforme esclarece Zacchi:

O letramento crítico [...] considera o conhecimento como sendo construído, de modo que o sentido do texto seja sempre múltiplo e dependa do contexto em que ele é veiculado e interpretado. Dessa forma, a própria realidade é também social e culturalmente construída e varia de uma comunidade a outra. (ZACCHI, 2014, p.140).

Vimos, com essa citação, que comunidades diferentes constroem realidades diferentes. Se a realidade é construída dependendo de uma determinada comunidade, diferentes realidades podem emergir e essas realidades sempre existem em rede de

⁴ Administrador(a) no aplicativo *WhatsApp* é o usuário que gerencia o grupo, podendo excluir ou adicionar contatos.

conectividade com outras. No caso de minha pesquisa de Iniciação Científica, os participantes do grupo LC construíram sentidos de acordo com seus contextos dentro de suas comunidades. Estas se correlacionam com outras comunidades já que os participantes transitam por várias comunidades de práticas de letramentos, por assim dizer. Cada leitor constrói significados diferentes de acordo com a comunidade pertencente. Portanto, nas interações os significados que são construídos pelos participantes podem ser reconstruídos em outros contextos (Bakhtin, 1999) e assim, sucessivamente. Ora, é a própria incomensurabilidade das desconstruções e reconstruções de saberes que dão sustentação à sobrevivência social da linguagem, ou melhor, das linguagens, dos letramentos, das agências.

Parto do pressuposto, de que ao analisar as interações, o pesquisador leva em consideração os conflitos de significados, os paradoxos pelo fato dos letramentos partirem de encontros entre conhecimentos divergentes de comunidades culturais diferentes, por exemplo, mas que podem ser extremamente profícuos para o pesquisador. Este também não escapa às contingências, o que possibilita que ele/ela faça uma autoanálise e autocrítica da própria pesquisa (Takaki, 2011). Em outras palavras, o pesquisador aprende com os participantes da pesquisa ao observar, analisar e interpretar os sentidos produzidos por aqueles em confronto com os seus próprios significados e poderá transformar suas verdades e agência.

Assim sendo, na perspectiva dos letramentos críticos a leitura, entendida como processo de construção e reconstrução de sentido, foca a pluralidade, o aprendizado a partir das minhas verdades em contraste com as verdades dos outros participantes. Nesse raciocínio, Menezes de Souza estabelece o papel ativo do autor e do leitor na construção de sentidos enfatizando que esse processo já traz uma construção crítica de conhecimento que é sempre situado em perspectiva contextual:

Ler criticamente implica, então em desempenhar pelo menos dois atos simultâneos e inseparáveis: (1) perceber não apenas como o autor produz determinados significados que tem origem no seu contexto e seu pertencimento sócio-histórico, mas ao mesmo tempo, (2) perceber como, enquanto leitores, a nossa percepção desses significados e de seu contexto sócio-histórico está inseparável de nosso próprio contexto sócio histórico e os significados que dele adquirimos. (MENEZES SOUZA, 2011 p.132).

Compreende-se que os significados não são fixos, pois, eles variam de acordo com o contexto sócio histórico e cultural de quem os articula e recria. A perspectiva dos letramentos críticos vem ao encontro com a diferença isto é, entender que eu e o outro somos pertencentes a comunidades diferentes. E, por isso, pensamos e agimos de forma diferente, porém, essa diferença de valores e de verdades são fundamentais sem hierarquização rígidas (Menezes Souza, 2011).

Reforçando a discussão, o citado autor ressalta que a tentativa de eliminar a diferença poderá representar uma forma cruel de massacrar o outro. Não há garanti-

as de resultados, o que equivale a dizer que os riscos fazem parte da negociação afastando o conceito de interação como mero repasse de sentidos e/ou intenções de um usuário da linguagem para outro. Os sentidos estão sempre ancorados ao um dado contexto e não a mera estrutura linguística, como na visão tradicional da linguagem.

Em suma, os significados são ancorados a um contexto e prontos para serem desancorados e reancorados em outros permanentemente (Derrida, 1991) gerando a diferença, a heterogeneidade constitutiva da língua, linguagem, cultura, letramento e agência. A diferença é o que torna o mundo mais interessantemente multimodal com misturas, cores, texturas, sons, cheiros, sabores, línguas etc. É preciso negociar a diferença todos os dias nas interações sociais dentro e fora do ambiente virtual. Isso porque a natureza da linguagem nos permite. Os conflitos sugeridos nessa perspectiva fazem com que as estratégias sejam os diálogos e os resultados sejam acordos incompletos em contextos específicos.

Um dos objetivos dos letramentos críticos é que o cidadão tenha um papel crítico, ativo e participativo dentro das comunidades as quais ele pertence. A esse respeito, as OCEM-LE (BRASIL, 2006) esclarecem o tipo de cidadania prevista para atender às demandas da sociedade digital e contemporânea:

Nas propostas atuais, essa visão de cidadania como algo homogêneo se modificou. Admite-se que o conceito é muito mais amplo e heterogêneo, mas entende-se que “ser cidadão” envolve a compreensão sobre que posição/lugar uma pessoa (o aluno, o cidadão) ocupa na sociedade. Ou seja, de que lugar ele fala na sociedade? Por que essa posição? Como veio parar ali? Ele quer estar nela? Quer mudá-la? Quer sair dela? Essa posição o inclui ou o exclui de quê? (BRASIL, 2006, p.91)

Esse trecho nos ensina que entender os motivos que leva um cidadão raciocinar do jeito que raciocina e agir do jeito que age e não de outras formas, é fundamental. Para o desenvolvimento dessa capacidade, algumas estratégias podem ser úteis. Por exemplo, ao questionarmos uma determinada desigualdade social, poderemos compreender quem está sendo incluído ou excluído em determinadas situações/textos e isso pode nos levar a compreender as relações de poder existentes na sociedade e que afetam o pensar e agir dos cidadãos, como nos ensina Takaki:

[...] os textos são estruturados por domínios socioeconômicos representando, portanto, as perspectivas de alguns grupos sociais ao mesmo tempo em que acabam silenciando outras interpretações. Nesse sentido, percebe-se que a natureza hipermodal da linguagem permite instanciarmos outros posicionamentos, evidenciando as visões dominantes e, ao mesmo tempo, possibilitando que esses sejam criticados e reinterpretados constantemente. (TAKAKI, 2012, p.13)

Sob esse guarda chuva teórico, Cervetti, Pardales e Damico (2001) argumentam que os leitores críticos devem compreender as formas em que os textos refletem e refratam uma visão de mundo que não é a única. Os leitores interpretam, revisam, resistem de maneiras particulares as/às representações já dadas de maneira mais consistente com sua própria experiência do mundo. Para esses autores o letramento crítico é a perspectiva em que o aprendiz constrói sentido a partir de seu contexto histórico confrontado com contextos de outros e das relações sociais de poder, caracterizando o posicionamento derridiano, conforme explicado anteriormente.

Uma redefinição de letramento crítico com a globalização e o convívio diário com as diferenças e conflitos podem auxiliar os leitores a entender o texto pelo contexto do autor histórico e pelo seu próprio contexto (Menezes de Souza, 2011). Assim, entender que eu e o outro somos pertencentes a comunidades distintas e por isso, pensamos e agimos diferentemente torna-se importante. Esse reconhecimento pode representar uma das possibilidades para nos educarmos para o confronto com as diferenças.

Desta forma, os letramentos críticos ajudam os aprendizes a entender como as coisas são construídas no mundo por valores e ações das pessoas. Não seria aprender a obedecer às regras e às autoridades sem questionamentos e sim, saber identificar as relações de poder, analisar textos, considerar pontos de vistas alternativos e formular possíveis soluções conjuntamente para os problemas sociais em contextos (Kalantzis e Cope, 2012).

Com a perspectiva de mudança social, o letramento crítico (Cervetti, Pardales, Damico, 2001) atua por meio de críticas e questionamentos das epistemologias-ontologias convencionais que são pensamentos centralizados da visão dominante, ou seja, do ocidente. A prática dos letramentos críticos sugere aos usuários da linguagem que façam questionamentos de suas verdades e a dos outros para então elaborar projetos que promovam mudanças locais sem perder de vista suas relações com redes globais.

Nesse momento, imprescindível a qualquer conceito de letramento crítico é a lembrança da autocrítica. A autocrítica foi um processo de aprendizado vivenciado por mim, no papel de pesquisadora, diariamente. Eu aprendi por meio do processo da dúvida, que permitiu exercitar e fermentar a atividade da crítica como forma de repensar o raciocínio (Morin, 2012). As minhas verdades entravam em contraste com as verdades dos demais participantes do Grupo LC possibilitando a expansão do meu conhecimento, pois, o mesmo fato era visto por ângulos diferentes. Estava levando em conta a subjetividade dos participantes e a minha.

Dito de outra forma, a perspectiva crítica, aqui trabalhada, sugere o desenvolvimento de leitura de mundo (Freire, 2005) de maneira pluralizada (Monte Mór, 2014) diferente do ensino tradicional, pois, na perspectiva dos letramentos críticos (Menezes de Souza, 2011; Monte Mór, 2014; Takaki, 2014; Zacchi, 2014; Freire, 2005,

dentre outros) visões homogêneas de conhecimento e cultura historicamente cristalizadas pelo ocidente na sociedade são colocadas em xeque.

O foco dos letramentos críticos está na diferença, na não-linearidade dos saberes, na heterogeneidade e pluralidade culturais, de modo que seja possível viver e conviver com as divergências em meios às convergências aprendendo a ouvir o outro e ao mesmo tempo a nós mesmos (Freire, 2005).

É importante ressaltar que na perspectiva dos letramentos críticos não há garantias e que não é um vale tudo (Takaki, 2012), pois, os autores/pesquisadores estudam os letramentos críticos como uma forma contextualizada de poder atender mais adequadamente às complexidades da sociedade atual, procurando apresentar escolhas para os aprendizes ampliando suas possibilidades de autonomia, espírito criativo, colaborativo e transformativo.

No próximo tópico, contextualizaremos e analisaremos as construções de sentidos dos participantes do Grupo LC.

2 CONSTRUÇÕES DE SENTIDOS: CONVIVENDO E NEGOCIANDO COM AS DIFERENÇAS

Nunca é demais reforçar que o convívio humano para a perspectiva dos letramentos críticos acompanha a construção múltipla de sentido, ou seja, por causa das diferentes ideologias existentes, há muitas verdades partilhadas socialmente (Jordão, 2013).

No excerto extraído do Grupo LC a participante **J**, em sua ideologia, concebe a novela *Império*⁵ com um fator que influencia os espectadores, além disso, ela aponta a concepção dela de crítica:

J⁶: Maria marta falando: adultério já foi crime...por que mudou? Kkkkkk⁷
 Novelas da globo traz assunto para as pessoas pensarem o o que é errado é o certo... Psicologia barata que interfere na vida das pessoas. Dou risada mas e sério...Pois existe muitas que são influenciadas por falta de uma opinião crítica

Quando tiver uma família a globo será proibida kkkkkkk nem assistia TV quando criança e nem por isso sou problemática... mas não serei radical... eu disse Globo... tem muitos canais bons.

⁵ A novela *Império* é escrita por Aguinaldo Silva e transmitida pela Rede Globo. O tema central da novela é a disputa pelo poder da empresa *Império*. José Alfredo é o personagem principal, ele ficou milionário fazendo contrabando de pedras preciosas. Casou-se com a aristocrata Maria Marta com quem tem três filhos: João Pedro, Lucas e Maria Clara. No decorrer do drama José Alfredo descobre que teve uma filha com sua antiga namorada Eliane. A nova filha de José Alfredo é uma moça humilde e esforçada chamada Cristina. A família briga pela detenção de mais poder dentro da empresa e por causa das mentiras existentes nas vidas dos membros dessa família. Disponível em <http://imperionovela.com.br/sinopse-novela-imperio>.

⁶ Os nomes são fictícios para preservar a anonimato dos participantes da pesquisa.

⁷ Escolhi manter a originalidade das postagens não procedendo a nenhum tipo de correção.

Observa-se que a participante **J** define crítica como algo separatista, que distingue o certo do errado. É desejável desconstruir essa visão maniqueísta, pois, a partir das oposições binárias um elemento é colocado no centro e o outro é marginalizado (Derrida, 1991). Os estudiosos dos letramentos críticos (Menezes de Souza, 2011; Monte Mór, 2014; Takaki, 2014; Zacchi, 2014, dentre outros) esclarecem que não há certo nem errado e ninguém é detentor de todo saber. “[...] uma vez que nossos entendimentos de mundo são sempre construções sociais, culturais, políticas, interpretativas” (Jordão, 2013, p.74). Nas perspectivas dos letramentos críticos entende-se a crítica como um processo de problematizar em reflexividade as construções de sentidos.

Desta forma, a criticidade se faz presente na construção de sentidos do autor e do leitor que usam a língua para negociar mediante as relações de poder (Menezes Souza, 2011), conforme já acentuei anteriormente.

De volta para a análise, o enredo da novela *Império* é voltado para a disputa de poder e dinheiro entre os membros da mesma família. A participante **J** descreve esse ambiente hostil:

P⁸: [...] Qual visão de mundo é mostrado em Império?

J: [...] A visão q eles colocam e que VC faz coisas erradas fere os sentimentos das pessoas quebra regras da sociedade é o coitado da história... Muita gente vive acreditando que é o coitado depois disso então... A família principal da novela uma quer ferrar o outro e ninguém ama ninguém Esse mundo q eles querem construir e mostrar.

Nesse excerto destaco a última frase da participante “Esse mundo q eles querem construir e mostrar”, pois, a novela constrói um tipo de realidade na figura de seu autor. Quem reconstrói e reatribui sentidos para a novel são os espectadores. Eles têm papel ativo na construção de sentidos (Menezes Souza, 2011). No decorrer das interações, referente à novela, eu estimei o grupo a discutir a questão de gênero. Na novela, Claudio e Beatriz são casados e têm dois filhos. Ocorre que Claudio vive um relacionamento amoroso com Leonardo. Beatriz sabe e aceita o romance do marido. Quando questionados sobre essa questão, os participantes reprovam esse tipo de relacionamento:

P: Eu amo meu marido por isso eu aceito ele ter um relacionamento com outro homem. Qual o seu posicionamento? Isso realmente ocorre na nossa realidade ou é ficção?

J: Kkkkk ela é louca

Pra amar alguém primeiro tem q ter amor próprio

Pra mim qualquer tipo de traição seja com homem ou mulher não e sinônimo de amor isso não existe

⁸ P significa pesquisadora.

Eles querem levantar a questão bissexual mas na verdade e traição do mesmo jeito não importa se trai com homem ou com mulher não existe o menos pior

A abordagem do bissexual veio de forma errada já tive amigos bissexuais e posso compreender...mas não justifica trair ou não...falta de caráter não depende da opção sexual.

S: [...] Qto a bissexualidade, é difícil opinar, acho que esse tema é mto polêmico e a minha opinião eu nem gosto mto de demonstrar! Confesso q nem sabia q a personagem aceitava a traição com outro!

Para a participante **J** o fato que lhe chama atenção é haver traição no relacionamento independentemente de ser uma relação homossexual ou heterossexual isso está expressa na sentença: “Pra mim qualquer tipo de traição seja com homem ou mulher não é sinônimo de amor isso não existe.” Essa posição é convencionalizada em sua comunidade local em que comumente a bigamia não é aceita, porém em outros países, como por exemplo, na Arábia Saudita⁹ é comum um homem ter duas ou mais esposas. Por isso, que para os letramentos críticos o conhecimento é construído e fundamentado na comunidade local, conforme enfatiza Menezes Souza (2011) o que é verdade para um, pode não ser verdade para o outro.

Na mesma interação a participante **S** declara que prefere não se posicionar quanto ao tema bissexualidade: “acho que esse tema é mto polêmico e a minha opinião eu nem gosto mto de demonstrar!”. O discurso não é neutro (Bakhtin,1999), o silenciamento de **S** já demonstra seu posicionamento quanto a questão da bissexualidade. Ela considera a questão polêmica por causa do sistema de valores, crenças e visão de mundo por ela representada (Jordão, 2013).

Vimos que o *WhatsApp* pode ser extremamente útil para oportunizar espaços de aprendizagem, do uso de linguagem e expansão de visões críticas. O momento, segundo os teóricos de multiletramentos (*New Lond Group 1996; Kalantzis e Cope, 2000*) é de capitalizar e valorizar essas interações digitais, de modo que, no contexto educacional, os professores adotem as mídias como aliadas ao processo de aprendizado de seus alunos, já que a autoria dos alunos está na construção de um texto (em tela).

O letramento móvel vem se desenvolvendo rapidamente motivados pela paixão por celulares com acesso à Internet. De forma democrática, os celulares ampliam as possibilidades dos jovens marginalizados (Walton,2013) conseguirem acesso às práticas de letramentos em telas digitais para compartilhar suas experiências de vida e construir conhecimento de maneira colaborativa.

Diante disso os professores poderiam aliar a tecnologia a favor do desenvolvimento dos alunos a partir das suas práticas sociais e saber um pouco mais dos le-

⁹ Disponível em: <http://www.fatosdesconhecidos.com.br/poligamia-conheca-os-lugares-onde-ainda-e-permitido-ter-varias-esposas/>

tramentos móveis dos adolescentes tendo em vista que os estudantes não estão apenas navegando e sim, criando e compartilhando ideias, notícias, posições e agência pelo mundo.

No próximo tópico analisaremos a agência dos universitários num protesto à luz das teorias dos letramentos críticos.

“Parem com o Impasse! Queremos o Repasse!”

Durante a pesquisa **R**¹⁰ mostrava-se muito participativo, comentava e publicava no grupo LC com frequência. **R** mora e trabalha na cidade de Aquidauana MS, porém, cursa engenharia civil na universidade W em Campo Grande. Ele é um dos estudantes que depende de transporte escolar para fazer esse trajeto durante o ano letivo.

Os estudantes pagavam mensalmente cerca de R\$ 180,00 no começo do ano de 2014 e em maio o valor subiu para R\$ 230,00 a uma empresa particular. Esse valor é elevado levando em consideração que os estudantes possuem outros gastos necessários à sobrevivência tais como: moradia, alimentação, manutenção da saúde, vestimentas, água, luz, gás, materiais didáticos dentre outros. Até mesmos para os estudantes que moram com os pais, o preço da mensalidade do transporte escolar pesa no orçamento familiar.

Os estudantes cobraram rapidez na votação do projeto de repasse, sob forma de cooperação financeira destinado ao auxílio das despesas com as viagens.

Por meio da coautoria do participante **R** é possível observar o agenciamento que visa ao bem coletivo.

A construção de sentidos é feita por textos multimodais (imagem, áudio, *emojis* e texto verbal). Os *emojis*¹¹ são a evolução dos *emoticons* (formas feitas com pontuação), *que* segundo Buzato (2014) “preenchem” as lacunas da fala digitada. Ou seja, quando conversamos usamos gestos, expressões faciais e corporais para transmitir pensamentos e emoções. Já no campo virtual essas formas de expressões são supridas com o uso de *emojis*.

No *WhatsApp* é comum o uso de *emojis* e dos *emoticons* porque eles auxiliam na construção de sentido das mensagens. Os *emojis* e os *emoticons* podem substituir ou complementar o texto verbal.

A fim de abordar a questão dos *emojis*, analisarei duas figuras extraídas das interações dos participantes do Grupo LC.

¹⁰ Os nomes são fictícios para preservar a anonimato dos participantes da pesquisa.

¹¹ Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/382254_HIEROGLIFOS+MODERNOS



Fig. 1 Figura extraída do ambiente virtual WhatsApp do Grupo LC.



Fig. 2 Figura da mensagem de voz extraída do ambiente virtual WhatsApp do Grupo LC.

Na imagem figura 2 nota-se o uso dos *emojis* indicando a concordância da pesquisadora diante da mensagem tentando desta forma estimular o participante **R** a publicar mais para explicar as dúvidas da participante **J**. A construção de sentido usando estes *emojis* corresponde a um gesto que tem o significado na comunidade local de afirmativo, por isso, é facilmente compreendido pelos participantes dinamizando assim a comunicação.

R participou ativamente no protesto que ocorreu em Aquidauana¹², MS e compartilhou o andamento das discussões com o grupo LC em tempo real.

¹² Os participantes residem nas cidades de Aquidauana e Anastácio.

A título de contextualização do fato histórico, os universitários deixaram suas casas e famílias disponibilizando o tempo deles. Eles se organizaram por meio da AUA (Associação dos Universitários de Aquidauana e Anastácio, MS). Os estudantes fizeram cartazes, colocaram narizes de palhaços e foram para a Câmara de Vereadores. Esse processo de construção de agência coletiva, propositadamente, gerou um clima e tensão. Como consequência, os vereadores retardaram sua chegada a Câmara. A morosidade dos vereadores aumentou a tensão deixando os universitários impacientes.

Para negociar com os políticos, os universitários modularam o discurso de acordo com o contexto exigido. Como destaca Mattos (2014), a linguagem nunca é neutra ou transparente porque há intencionalidade. O objetivo dos universitários era acelerar a aprovação do projeto e para que isso ocorresse foi necessário convencer os vereadores sobre a importância da conquista do repasse de verba não somente para os estudantes, mas também para as famílias desses estudantes que investem na educação dos seus filhos e para a cidade que se beneficia com a qualificação de profissionais locais.

A agência dos estudantes fez com que eles escrevessem suas próprias histórias sendo protagonistas do movimento, como construtores de sentidos e de sentidos ressignificados em prol de seu contexto sócio-histórico-cultural (Monte Mór, 2013).

Destaca-se o papel fundamental da tecnologia para a realização do protesto, pois, os estudantes usaram as redes sociais e o *WhatsApp* para se comunicar instantaneamente e para divulgar a manifestação. Desta forma, eles conseguiram o apoio popular e chamaram a atenção da imprensa local. As imagens do protesto foram publicadas no jornal *O Pantaneiro*¹³.

Na figura 1 a Câmara dos Vereadores está lotada. Os jovens estavam unidos e organizados. O protesto foi pacífico. Além desta imagem, o participante **R** publicou uma mensagem de voz em que os estudantes gritavam em coro: “pare com impasse, nós queremos o repasse” fazendo pausa após a palavra impasse e rimando com repasse, como se fosse um *jingle* (mensagem publicitária musical). As vozes dos estudantes continham e transmitiam a emoção política do momento. Para uma pesquisadora revestida de teorias de letramentos, essa emoção foi construída com base na iniciativa do grupo e com o apoio das redes de conectividade de saberes, planos e estratégias colaborativamente estudados, como assinalados por Lankshear e Knobel (2011) a respeito de “novos” letramentos.

A voz de cada cidadão é de suma importância como forma de agenciamento porque o letramento aponta para uma ação social por meio da linguagem (Cope e Kalantzis, 2012). Conforme afirma Monte Mór (2011), a linguagem tem natureza política em função da relação de poderes nela existente. Poderes estes que, segundo Foucault (1995), estão em todas as camadas da sociedade, porém de forma desigual

¹³ Disponível em: <http://www.opantaneiro.com.br/noticias/aquidauana/associacao-dos-universitarios-realiza-manifestacao-na-camara-de-aquidauana>

e dinâmica. Interpreto que no protesto houve a desconstrução do discurso dominante dos políticos, como uma troca de força de poder, em que os universitários que detinham menos poder para negociar passam a deter mais poder, reforçados pelo quantitativo expressivo e pelas estratégias discursivas e políticas de jovens e adultos lutando por interesses afins. Desse modo, os universitários juntamente com a população compuseram a maioria pressionando os políticos.

Por causa da postagem do participante **R** sobre o protesto, os demais participantes do Grupo LC foram estimulados a se posicionar diante da mobilização dos universitários, como sugere o excerto reproduzido abaixo:

R¹⁴: Nada dos vereadores

M: kkkkk.... virou vento os amigos vereadores¹⁵...

J: Isso poq pedem participação popular,....ditadura mascarada

R: Depois eles apareceram ...Eu tive a oportunidade de ponderar o vereador C na cara dele lá fora querendo fazer moral... Ele disse q eu tava com razão tals Aquela V no final riu ironicamente de tds nós acadêmico... Amanhã 14 hr na prefeitura vai definir essa parada¹⁶.

Esses dizeres sugerem que os participantes refletiram criticamente sobre uma problemática local mostrando-se solidários em prol dos estudantes. No momento de construção de sentido dos participantes desconstruindo o discurso dos políticos locais, **M** usa a metáfora “virou vento”, de forma irônica, criticando a ausência dos vereadores. A participante **J** salienta a incoerência do discurso dos políticos que pedem a participação popular nas sessões da Câmara de Vereadores, porém não se mostram realmente abertos a dialogar.

Como se pode observar pelas discussões apresentadas, a agência dos participantes do Grupo LC se faz presente na construção de sentidos por meio do aplicativo *WhatsApp*. Aparentemente, **R** é quem se aproxima do vereador C e faz de sua fala uma ação, remetendo ao conceito de letramento (ação por meio da letra/palavra dirigida ao vereador e de outras para os interlocutores no ambiente *WhatsApp*) e contagia os outros universitários. Configura-se, assim, uma rede de engajamento e o inerente desenvolvimento de habilidades críticas por meio da mídia e no mundo urbano da comunidade em questão.

¹⁴ Os nomes dos participantes são fictícios.

¹⁵ Escolhi manter a originalidade das postagens não procedendo nenhum tipo de correção.

¹⁶ “Foi declarado pela vereadora Luzia Cunha (PT), que o projeto de repasse tem protocolo datado recentemente, do dia 25 de agosto, e chegou incompleto para apreciação da Casa de Leis, mas garantiu todos os esforços para que a análise e votação sejam feitas em caráter de urgência. Luzia ainda explicou que o projeto de repasse é de responsabilidade do Poder Executivo do município, que, segundo ela, tem algumas documentações pendentes para enviar ao Legislativo. Alguns vereadores conversaram com os estudantes e disseram que também requereram mais informações da Prefeitura de Aquidauana, necessárias para que haja a votação”. Disponível em: <http://www.opantaneiro.com.br/noticias/aquidauana/associacao-dos-universitarios-realiza-manifestacao-na-camara-de-aquidauana>

Nota-se, assim que a força do *WhatsApp* não está no resultado do protesto em si, mas no valor das reflexões e construções críticas de sentidos multimodais e das organizações sociais, que de forma ágil e coletiva emergem e que outrora não seriam possíveis de serem concebidas com essa velocidade.

Vimos que os letramentos críticos possibilitam uma revisão nas propostas pedagógicas tradicionais já que a sociedade mudou e o mundo virtual se faz tão presente na expansão epistemológica com formas inovadoras de trabalhos e de participação social (Monte Mór, 2013).

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discorri sobre questões ligadas às construções de sentidos e a cidadania participativa dos integrantes de uma pesquisa de Iniciação Científica no Curso de Letras. Sugere-se que as teorias de letramentos críticos têm o potencial para auxiliar o processo de questionamento e problematização das epistemologias convencionais. Mais que isso, os estudos dos letramentos nos ensina que é preciso conviver e negociar com as diferenças, diversidades, heterogeneidades, relações locais-globais, multimodalidades mediante as relações de poder.

Este projeto partiu do pressuposto de que as novas mídias, assim como a ferramenta *WhatsApp* não podem ficar à deriva do ensino-aprendizagem para a vida que faça sentido aos alunos.

Destarte, o uso do *WhatsApp* promove a expansão de epistemologias possibilitando aos participantes, cidadãos construtores de sentidos, espaço para criatividade, participação ativa e agência encurtando a distância entre universidade e sociedade.

Percebo que eu, no papel de pesquisadora, diante da rapidez das interações e mudanças contínuo de temáticas das interações tive momentos de precipitação e também de ausências de questionamentos crítico. Acredito que o meu amadurecimento como pesquisadora está ocorrendo de forma gradual a partir do processo contínuo de autocrítica.

Observa-se que o protesto e as discussões entre os participantes desconstruíram e ressignificaram o discurso político anterior apontando para um processo complexo de descentralização do poder e desenvolvimento da agência (Monte Mór, 2013).

Compreende-se que a agência vai muito além de meros deveres e direitos. A cidadania participativa, engajada e transformativa opera por interstícios complexos e promove o encontro de cidadãos com interesses sociais afins independentemente de classe social, etnia, raça, religião.

Desse modo, criar ambientes de aprendizagem, de letramentos críticos e autocríticos de forma inovadora e conectada a vida dos cidadãos para que estes possam ser coautores no *WhatsApp* é ser permitir repensar o papel da tecnologia na educa-

ção e ampliar as possibilidades de perspectivas educacionais críticas pelas linguagens digitais.

Por fim, as práticas de letramentos no ambiente virtual apresentam formas democráticas (Walton) e transformativas. Outra característica é a velocidade da construção de sentidos redundantemente multimodais (desafiando olhares historicamente construídos pela linearidade do pensamento e hierarquizações inflexíveis) que, em tempos de protestos, pode fazer a diferença.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- CERVETTI, G., PARDALES, M. J. DAMICO, J. S. 2001. **A tale of differences: comparing the traditions, perspectives, and educational goals of critical reading and critical literacy**. Disponível em: [_<http://www.readingonline.org/articles/cervetti>_](http://www.readingonline.org/articles/cervetti). Acesso em: 10 dez. 2014.
- COPE, B; KALANTZIS M. **Multiliteracies**. New London Group (COR): Routledge, 2001.
- DERRIDA, J. **Margens da filosofia**. Campinas: Papirus, 1991.
- KALANTZIS, M.; COPE, B. **Literacies**. Cambridge University Press. 2012.
- KALANTZIS M.; COPE, B. **Multiliteracies**. Literacy learning and the design of social futures. New York: Routledge, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 12 ed. Petrópolis RJ, Vozes, 1995.
- FREIRE, P. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.
- JORDÃO, C. M. Abordagem Comunicativa, Pedagogia Crítica e Letramento Crítico – Farinhas do Mesmo Saco? In: MACIEL, R. F; ROCHA, C. H. (Orgs.). **Língua Estrangeira e Formação Cidadã: por entre discursos e práticas**. São Paulo: Pontes. 2013.
- LANKSHEAR, C; KNOBEL, M. **New Literacies: everyday practices and social learning**. Open University Press, 2011.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T., MONTE MÓR, W. 2006. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Línguas Estrangeiras. In: **Linguagens, Códigos e Tecnologias. Brasília: MEC**. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/seb>. Acesso em: 20 dez. 2014.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Para uma redefinição de Letramentos Crítico: conflito e produção de significação. In: MACIEL R. F; ARAUJO, V. A. (Orgs.). **Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas**. Jundiaí; Paco Editorial, 2011.p.128-140.
- MONTE MÓR, W. 'Multi', 'Trans' e 'Plural': discutindo paradigmas. In: TAKAKI, N. H; MACIEL, R. F. (Orgs.). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. Campinas SP, Pontes, 2014.
- MONTE MÓR, W. The Devolpment of Agency in a New Literacies Proposal for Teacher Education in Brazil. In JUNQUEIRA, E; BUZATTO, M. K. (Orgs.). **New Literacies, New Agencies? A brazilian perspectives on mindsets, digital praticies and tools for social action in and out of school**. New York: Peter Land, 2013.
- MORIN, E. **A cabeça bem- feita**. Rio de Janeiro. 20ª ed. Bertrand Brasil, 2012.

TAKAKI, N. H. **Letramentos na sociedade digital: navegar é e não é preciso**. Jundiaí: Paco Editorial. 2012.

TAKAKI, N. H. **Futebol, Linguagem e Sociedade**. In: TAKAKI, N. H; MACIEL. R. F (Orgs). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. Campinas SP, Pontes Editores, 2014.

ZACCHI, V. J. Novos Letramentos e cosmopolitismo na formação de professores de Língua estrangeiras. In: ZACCHI, V. J; STELLA, P. R. (org.). **Novos Letramentos, Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa**. Maceió: EDUFAL, 2014.

WALTON, M. **Lecture in Media Studies and Production**.2013. Disponível em:<<http://marionwalton.wordpress.com/category/literacies/>>. Acesso em 25 jan. 2015.